

# **OS ROMENOS-BESSARABIANOS NO SUL DO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE HISTÓRICA ATRAVÉS DA MEMÓRIA DO IMIGRANTE**

## **THE ROMANIAN-BESSARABIAN IN SOUTHERN BRAZIL: BUILDING A HISTORICAL IDENTITY THROUGH THE IMMIGRANT'S MEMORY**

Me. Douglas Orestes Franzen\*

### **RESUMO**

O texto busca compreender a formação histórica das colonizações alemãs no território da Bessarábia ao longo dos séculos XIX e XX no cenário conturbado de territorialização do Leste Europeu. O objetivo é o de contextualizar a imigração de sujeitos daquela região, que nas décadas de 1920 e 1930 englobava parte de território romeno, para a Região Sul do Brasil, onde atualmente existe a Associação dos Romenos Bessarabianos do Extremo Oeste Catarinense. A discussão busca contextualizar o esforço da referida entidade em manter viva a identidade histórica dessa população através de práticas de memória.

Palavras chave: imigrantes, romenos, identidade, memória.

---

### **ABSTRACT**

The text seeks to understand the historical formation of the German settlements in the territory of Bessarabia throughout the nineteenth and twentieth centuries in the turbulent backdrop of territorialization of Eastern Europe. The aim is to contextualize the immigration of subjects from that region, which in the 1920s and 1930s encompassed part of the Romanian territory, to southern Brazil, where currently there is the Association of Romanian Bessarabians Far Western Santa Catarina. The discussion seeks to contextualize the efforts of the dedicated to keeping alive the historical identity of this population through memory practices.

Key words: immigrants, Romanian, identity, memory.

### **Considerações Iniciais**

Para entender a origem das famílias que no século XX imigraram para o Brasil provindos da Romênia, é preciso compreender o contexto das ondas migratórias que foram constantes na Europa do século XIX. Estas famílias são de descendência alemã e polonesa e no início do século XIX fundaram vilas de colonos católicos e luteranos no

---

\* Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo – UPF. Doutorando em História pelo PPGH-UPF/RS. E-mail: douglas\_franzen@yahoo.com.br;

---

território conhecido como Bessarábia. O território da Bessarábia esteve sob controle de diversos países do Leste Europeu, contexto resultante de guerras e conflitos territoriais comuns no final do século XIX e início do século XX.

De maneira geral, os grupos de colonos migravam constantemente de um local para outro, motivados por interesses econômicos, ou até mesmo fugindo de represálias e perseguições étnicas e confessionais. Não poucas vezes seus documentos e registros históricos foram confiscados e até mesmo perdidos diante de condições adversas. Este contexto era comum na Europa no referido período, e nos é relevante para compreender a concepção de identidade presente no imaginário dos imigrantes.

O objetivo do artigo é o de auxiliar na compreensão da origem das famílias de imigrantes que vieram para o Brasil no início do século XX, mais precisamente para a região Sul nas décadas de 1920 e 1930. Visamos assim, compreender o que legitima os descendentes desses imigrantes requisitarem na atualidade a cidadania romena através da Associação dos Romenos Bessarabianos do Extremo Oeste de Santa Catarina, entidade que mantém um cadastro dos descendentes de imigrantes e visa manter vivas as festividades anuais e a identidade cultural e histórica desse povo.

Nossa abordagem busca compreender a formação de uma identidade histórica dos imigrantes que vieram para o Brasil no início do século, provindos principalmente das vilas de Krassna e Teplitz, localizadas no território da Bessarábia. As fontes utilizadas para o estudo partem de registros documentais dos imigrantes, depoimentos de história oral e também a consulta de bibliografias sobre o tema.

Estas famílias se inserem no contexto geopolítico do Leste Europeu do século XIX e da primeira metade do XX, e por isso interessam à discussão que propomos, mais precisamente no contexto da Primeira Guerra Mundial na Europa. Consideramos que os imigrantes vindos para o Brasil no início do século XX são considerados romenos diante da área de abrangência territorial do período em questão e também pelos registros de nascimento e de batismo que dispomos em arquivos das famílias.

Essa discussão se torna pertinente diante da criação no ano de 2014 de um Consulado da Romênia no Extremo Oeste catarinense e da visita da Embaixadora Geral da Romênia, Diana Radú, aos imigrantes ainda vivos no extremo oeste catarinense, bem como da entrega às referidas famílias de uma declaração de reconhecimento do estado

romento da descendência desses imigrantes, fato que deve salientar ainda mais a identidade histórica dos descendentes dos imigrantes romenos.

Consideramos que a construção de uma identidade histórica está atrelada a diversos fatores, na cristalização das tradições e da memória e também na sua desintegração através do corte dos laços históricos das gerações descendentes.

### **O território da Bessarábia**

O território da Bessarábia é uma região histórica localizada no Leste Europeu, que ao longo da história sofreu a influência de diversos impérios, reinados e países, justamente por ser uma região muito fértil com planícies e recursos hídricos vastos, e também por estar localizada numa região estratégica diante da conjuntura da disputa por território e poder no Leste Europeu.

No século XIX a região foi intensamente disputada entre os impérios Austro-Hungaro e o império russo, que viviam constantemente em conflito por domínios territoriais no Leste Europeu. Nesse sentido, o território da Bessarábia passou a ser região de fronteira entre os dois impérios na conjuntura geopolítica pelo domínio da Península Balcânica (MAZUREK, 2014).

Nossa discussão centra-se basicamente no período em que o território da Bessarábia pertencia à Romênia, já que foi nesse período que nasceram grande parte dos imigrantes que se deslocaram para o Brasil entre as décadas de 1920 e 1930. Em virtude disso, esses imigrantes foram registrados como romenos, o que, conseqüentemente, gerou uma identidade histórica dessa população.

Figura 01: Território da Bessarábia em relação ao território europeu.

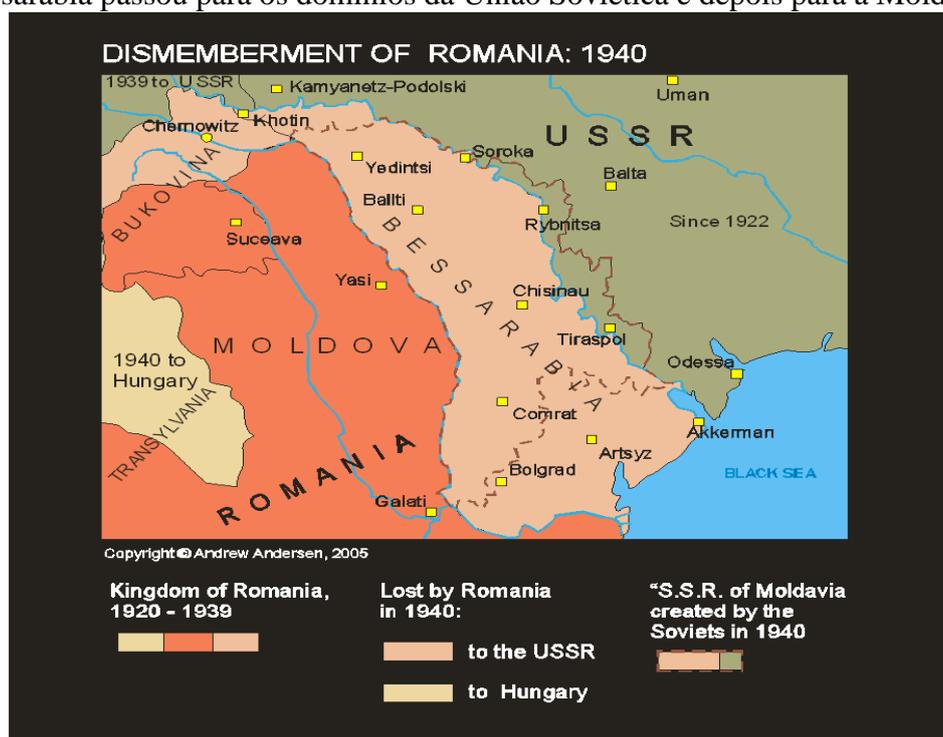


Fonte: [http://www.conflicts.rem33.com/images/moldova/mold\\_his\\_3.htm](http://www.conflicts.rem33.com/images/moldova/mold_his_3.htm), acesso em 11 de Novembro de 2013.

Como percebemos na Figura 01, o território da Bessarábia estava localizado numa região estratégica do Leste Europeu, que no início do século XX representava a região de fronteira dos impérios Austro-Hungaro, Otomano e Russo, derivando daí a necessidade de domínio dessa região e o que isso representava na geopolítica do período.

A Romênia conquistou sua independência em relação ao Império Otomano no ano de 1878, com a assinatura do Tratado de Berlim, que concedeu também a independência à Sérvia, Montenegro e Bulgária. Já no término da Primeira Guerra Mundial, a Bessarábia foi anexada em sua maioria ao reino romeno. Durante aproximadamente vinte anos o território viveu sob o domínio da Romênia, sendo os cidadãos bessarabianos nascidos nesse período considerados por legitimidade, como romenos. No ano de 1940, diante da conjuntura da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética retomou o domínio sobre a Bessarábia cedendo a região aos domínios da Ucrânia e da Moldávia. Foi nesse período que os alemães que ainda viviam em vilas como as de Krasna e Teplitz, tiveram que abandonar a região sob ameaça dos governos comunistas.

Figura 02: Territórios cedidos pela Romênia depois de 1940, quando o território da Bessarábia passou para os domínios da União Soviética e depois para a Moldávia.



Fonte: [http://www.conflicts.rem33.com/images/moldova/mold\\_his\\_3.htm](http://www.conflicts.rem33.com/images/moldova/mold_his_3.htm), acesso em 11 de Novembro de 2013.

Na Figura 02 percebemos o território da Romênia sendo desintegrado no ano de 1940 com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Este território fora incorporado pelo estado romeno diante da conjuntura da Primeira Guerra Mundial, e, em virtude disso, a maioria da população da Bessarábia nascida entre os anos de 1918 e 1940 foi registrada como romena, como podemos comprovar nos registros de batismo e nascimento consultados. As comunidades de Krasna e Teplitz localizavam-se no Distrito de Akkermen, junto ao Mar Negro.

### **Vilas de Krasna e Teplitz, Bessarábia, Leste Europeu**

A vila de Krasna foi fundada no ano de 1814 por estímulo do império russo para fundar na Bessarábia uma colonização no intuito de promover a ocupação e o desenvolvimento de atividades econômicas naquela região. Os imigrantes que ali se estabeleceram vieram em sua maioria do Sul da Alemanha e da Polônia. A maioria desses colonos não possuíam muitos bens materiais e nem terras, e por isso foram atraídos pela oportunidade de conseguir um pedaço de terra naquela região.

De 1814 a julho de 1817, a aldeia foi chamada de Colonia Católica ou *Kogielnik Colony*. O Departamento russo para colonos estrangeiros, em seguida, nomeou-a de Constantinovsky / Constantinschutz. Em 1819, a Coroa russa passou a denominá-la oficialmente de vila Krasninsky / Krasna, em comemoração a uma batalha entre o exército de Napoleão e o exército russo.

O nome Krasna, no entanto, foi usado por moradores locais somente a partir de novembro de 1817. Em 1918, após a Primeira Guerra Mundial, quando a Bessarábia foi cedido para a Roménia, o nome da vila era conhecido como Crasna. O território da Bessarábia foi cedido pelo império russo à Romênia como prêmio pelo apoio confiado à Tríplice Entente durante a Primeira Guerra Mundial.

Nos primeiros anos conviveram ali famílias católicas e evangélicas, mas essa convivência era perturbadora pelo fato de não concidirem as comemorações e datas de caráter religioso entre as crenças. Assim, os evangélicos fundaram acolônia de Katzbach, distante oito quilômetros de Krasna. Até a década de 1940, Krasna permaneceu como a única aldeia alemã na Bessarabia, habitada quase que exclusivamente por membros da fé Católica Romana.

### **Condições de vida**

A maioria das famílias que viveram na vila de Krasna e Teplitz trabalhavam na agricultura, nas planícies férteis da região. Cultivavam diversas variedades de alimentos e grãos para a comercialização, principalmente o trigo. No entanto, muitas famílias não possuíam a posse da terra, vivendo como arrendatários ou trabalhando como assalariados. Muitos moradores atuaram como soldados na Primeira Guerra Mundial ao lado dos russos, sendo de muitos deles, lhes tiradas as vidas.

A agricultura era praticada de forma bastante tradicional, sendo muitas vezes as intempéries os grandes problemas da atividade. A agricultura sofria com ataques de nuvens de gafanhotos, secas e chuvas de granizo. Muitos animais morriam por falta de alimento ou por pestes. A população sofria de doenças como a cólera e o tifo, o que tornava a vida bastante difícil para os moradores da região.

No entanto a população de Krasna e Telitz buscou forças frente às adversidades. O grande alento para a população era a religião, sendo a primeira majoritariamente

composta por católicos, e a segunda por luteranos. A escola geralmente era construída junto à igreja da comunidade, estando sob a administração dos sacerdotes. A língua falada e os costumes praticados pela comunidade eram alemães em virtude da origem germânica da grande maioria das famílias. Enquanto esteve sob domínios romenos, as instituições oficiais de Krasna e Teplitz utilizavam-se da língua romena, mas o alemão ainda era praticado como uma tradição familiar e comunitária.

As condições de vida eram difíceis e fizeram com que muitos dos moradores migrassem para outras colônias, como Karamurat e Emmental. Apesar de um grupo ter vindo para a América antes da Primeira Guerra Mundial, a grande leva de famílias que deixaram a vila de Krasna e Teplitz ocorreu depois de 1918. Muitos emigraram para o Canadá e para os Estados Unidos. Nos anos de 1925 e 1929 muitas famílias emigraram para o Brasil, e foi neste contexto que surgiram as famílias de imigrantes que fixaram residência no extremo oeste de Santa Catarina.

Os anos de 1928/1929 foram muito ruins para os habitantes da região da Bessarábia devido aos invernos rigorosos e em decorrência da crise econômica que assolou grande parte da Europa. Nesse contexto muitas foram as famílias que abandonaram suas terras e emigraram para a América, principalmente para o Brasil.

No ano de 1940, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial o cenário do Leste Europeu foi novamente reconstruído, fazendo com que os alemães que moravam na vila de Krasna e Teplitz tivessem que abandonar suas propriedades e serem repatriados para a Alemanha.

Portanto, no aspecto das condições de vida dos imigrantes, podemos afirmar que a identidade histórica pode sofrer profundas crises, pois, para muitos imigrantes sobrevive o desejo de esquecer o passado, numa forma de aversão às dificuldades enfrentadas pela família e pela comunidade, pelas crises de fome, pela perseguição e repressão do Estado, pelo sentimento de sofrimento que aflora toda vez que o passado é revivido e lembrado. Como podemos perceber em depoimentos de história oral, havia o sentimento entre os imigrantes de enterrar um passado de sofrimento. Junto a esse sentimento era enterrado também a tradição e a identidade romena.

### **A imigração para o Brasil**

---

Os anos de 1928 e 1929 foram muito ruins para os moradores das vilas nos arredores de Krasna e Teplitz. Primeiro porque o inverno foi muito rigoroso nestes anos, o que afetou as pastagens, as árvores frutíferas e inviabilizou a produção de alimentos. Além disso, a crise econômica de 1929 também afetou a Romênia gerando sérias dificuldades para a população.

As condições de vida da população nas vilas de colonos eram muito ruins. As famílias, geralmente com muitos filhos, passaram dificuldades de alimentar-se e para ganhar algum dinheiro para a manutenção de necessidades básicas. No ano de 1928, por exemplo, colonos da vila de Krasna tiveram que fazer um empréstimo em conjunto para comprar alimentos e sementes para plantio. A cooperativa mantida pelos colonos atravessou sérias dificuldades de se manter nesse período.

Diante dessa realidade algumas famílias tomaram a difícil decisão de buscar uma nova morada em busca de novas perspectivas. O problema foi justamente decidir para qual região imigrar. Nesse contexto de crise da Europa no ano de 1929 surgiu a possibilidade de imigrar para a América, principalmente para o Canadá, Argentina e Brasil.

Assim algumas famílias venderam suas propriedades, juntaram os pertences que fossem possíveis de serem levados e partiram em viagem para o Porto de Hamburgo, de onde pegariam um navio. É importante destacar que nem todas as famílias tinham a certeza de seu destino, sabiam somente de que iriam imigrar para a América, estando estas famílias à mercê de grupos de pessoas que destinavam colonos aptos a trabalhar como mão de obra barata na América. Muitas famílias imaginavam imigrar para o Canadá e no Porto de Hamburgo eram alocados em navios que vieram para o Brasil, sob alegação de epidemias ou qualquer outra desculpa.

Não lembro quase nada de Krasna, vila onde morávamos na Bessarábia, região da Romênia. Só lembro que o povo era muito religioso. Quando saímos, vendemos uma casa boa e a terra para custear a viagem ao Brasil. Chegamos a Mondaí e deu para comprar uma vaca com o dinheiro que ainda tinha sobrado. Papai Johannes foi cavoucar estradas para ganhar um pouco de dinheiro. (Depoimento de imigrante romeno, *apud*. Jungblut, 2000, p.468)



As vilas de Krasna e Teplitz foram colonizadas por imigrantes provindos principalmente da Alemanha e da Polônia, daí a denominação histórica que se atribui a eles de *Russlanddeutsche* ou *Deutschrusse*, denominação feita aos alemães que se estabeleceram em colônias localizadas em território russo. Sendo assim, a identidade desse povo era preponderantemente alemã, com a manutenção de tradições que se manifestavam nos costumes, na língua e na religião. Em torno de 150 colônias alemãs foram fundadas na Bessarábia desde 1814, organizadas religiosamente conforme a origem da população. Para as comunidades católicas eram fundadas as *Kirchsdpielen* (paróquias) e para as comunidades luteranas as *Pfarrgemeinden*. Era através da religião que se manteve o principal vínculo com a tradição alemã, pois através da escola e da nacionalidade, a germanidade fora muitas vezes combatida pelos interesses dos governantes russos e romenos.

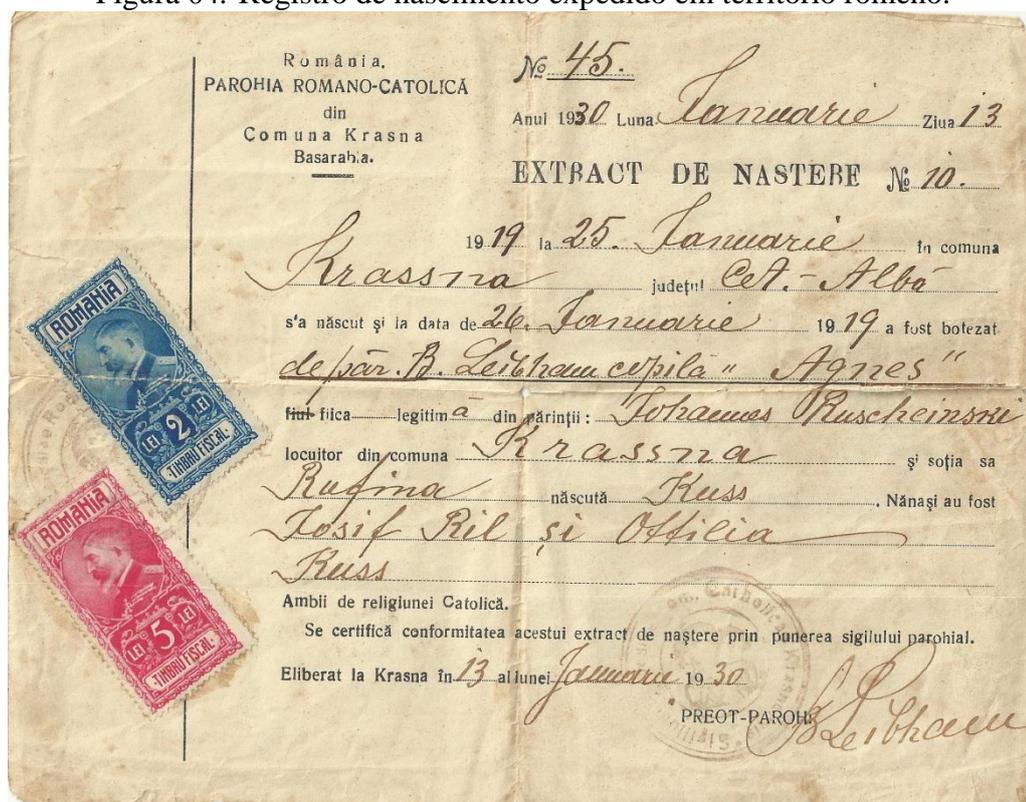
Portanto, surge aí o primeiro aspecto em que os imigrantes encontraram solo fértil para estabelecer residência nas colonizações Porto Feliz e Porto Novo. Essa identidade religiosa e comunitária implantada nessas duas colonizações refletia muito do que os imigrantes vivenciavam na longínqua Bessarábia. A transposição de um modo de vida para outra região, no nosso caso, até outro continente, se deu através da manutenção de algumas instituições, como família, igreja e comunidade, que se readaptaram ao meio, a uma nova lógica, a um novo espaço.

Quando foram obrigados a deixar suas comunidades na Bessarábia, seja por necessidades econômicas ou por exigências étnicas de Estado, os imigrantes levaram consigo tradições e costumes praticados ao longo de gerações. Mas muitos costumes e identidades foram deixados para trás, num sentimento de aversão a um sofrimento ou a uma calamidade sofrida pela família e pela comunidade. É o que discute Morin (2005, p. 221), ou seja, “de que todo desenvolvimento ou processo histórico comporta desorganização e degradação do que lhe era anterior”. Os indivíduos ou grupos sociais cristalizam e carregam consigo valores e vivências conforme a história os permite.

No Brasil, as famílias que falavam o alemão e o romeno tiveram que se adaptar a uma nova realidade o que afetou a identidade histórica dos imigrantes. A linguagem preponderante nos primeiros anos das colonizações de Mondai e Itapiranga era o alemão e por isso o romeno acabou caindo em desuso. Mas identidade histórica dos imigrantes

romenos se manteve principalmente pelo seu local de nascimento, da nação apresentada em seus registros de nascimento, como vemos na Figura 04. Podemos observar que trata-se de um documento registrado no ano de 1930, ano em que a família Ruscheinsky imigrou para o Brasil, atestando que Agnes Ruscheinsky havia nascido no ano de 1919 no território da Bessarábia, então pertencente à nação romena. Apesar de o documento ter sido expedido por uma entidade religiosa, podemos concluir que a nacionalidade de registro esteve vinculada à Romênia, como comprovam os selos e os dados registrados.

Figura 04: Registro de nascimento expedido em território romeno.



Fonte: Acervo do autor.

Os laços culturais com a Romênia, principalmente nos costumes e na linguagem foram duramente afetados no período da Segunda Guerra Mundial, com a adesão do Brasil à guerra e a política do Estado Novo em relação às colônias alemãs no Sul do Brasil. Naquele momento foram proibidas todas as manifestações socioculturais que tivessem vínculo com a Alemanha, a Itália e a Romênia. A população foi praticamente forçada a se adaptar à língua brasileira, inclusive as crianças, que passaram a receber as lições escolares em português. Reforça-se aí a tese de que a identidade histórica é

condicionada por políticas de interesse de Estado, quando a população deve adaptar-se a uma nova realidade, enterrando, mesmo que oficialmente, valores históricos de identidade cultural.

Com esse episódio da Segunda Guerra Mundial, o fator cultural dos imigrantes romenos que mais foi afetado foi o idioma. Com a instalação da campanha de nacionalização do Governo de Vargas, a identidade histórica dos imigrantes foi duramente afetada, e temos de concordar de que o idioma representa um dos aspectos fundamentais da manutenção de uma identidade histórica, é através dele que valores culturais, tradições, costumes, conhecimentos são repassados para as gerações vindouras sob o aspecto da palavra falada e escrita. Há uma diferença substancial entre a tradição repassada através da variação da linguagem e do idioma. Muda-se o idioma, corta-se um laço histórico, rompe-se um cordão umbilical mantido através da fala. Esta abordagem pode ser mais bem compreendida através do estudo de Neumann (2003).

O aspecto da linguagem é um fator interessante para constatar a construção da identidade histórica dos descendentes romenos. Enquanto que os significados e símbolos de origem romena, como a linguagem, por exemplo, acabaram caindo em desuso, os imigrantes e descendentes romenos praticaram e ainda praticam a língua alemã, o que por si só também é uma construção de identidade, visto que se caracterizavam como comunidades germânicas em território romeno. Uma das comidas consideradas típicas servidas na festa anual dos descendentes romenos é denominada localmente de *Tampfnudel*, uma nomenclatura alemã para uma massa fervida que se transforma num prato servido com carne. Esse aspecto nos é muito revelador, ou seja, de que forma se sustenta uma comida que é concebida como tipicamente romena, mas que tem a nomenclatura em alemão?

### **A memória coletiva como suporte para a identidade**

A memória é um dos aspectos marcantes da condição humana. Certamente um dos fatores que nos diferencia dos outros seres vivos é a capacidade que temos de memorizar o nosso passado, seja ele individual ou coletivo. Compartilhando da ideia de Tedesco (2011), a memória nos liga e nos vincula com os tempos, identifica e registra nossa existência, transmigra conosco. Sem memória talvez não seríamos seres humanos,

pois a linguagem, os hábitos, a identidade e o grupo social com o qual convivemos estão diretamente ligados a este condicionante.

É no campo da memória que os imigrantes romenos conseguem transcender a temporalidade e serem lembrados pelos seus descendentes. Nesse sentido, os esforços da Associação dos Bessarabianos Romenos do Extremo Oeste Catarinense busca através da memória coletiva manter vivas tradições e costumes visando a petrificação da identidade histórica da população que a compõe. Esse esforço de manter viva a identidade através da memória é alimentado por festas, por um arquivo histórico e também pela elaboração de um documentário contendo depoimentos de imigrantes romenos. Acreditamos que a memória possui como princípio o ato de lembrar para manter-se viva, mas sendo um reflexo da condição humana, a memória também está fadada ao esquecimento, surgindo daí a necessidade do ato de lembrar através de cultos, objetos, fotografias, filmes, linguagem. Necessariamente a memória coletiva depende das lembranças individuais, é preciso consentir ou não em esquecer ou cultivar algo, e nesse sentido o ressentimento é um grande mobilizador coletivo.

A memória é seletiva, pois os seres humanos apagam, marcam e esquecem fatos do passado. A memória é alimentada por uma espécie *flash* do passado: quando reencontramos uma pessoa, visitamos um lugar, encontramos um objeto esquecido numa gaveta. Conforme Tedesco, (2011, p. 93), “os sentimentos de memória podem ser muito profundos e intensos; desse modo, quanto mais significativos, mais difíceis de serem apagados.”

No caso da memória coletiva dos imigrantes romenos e seus descendentes, há diversos esforços em se manter viva a identidade histórica com a pátria mãe. Temos como exemplo a comunidade de Santo Antônio, localizada no município de Itapiranga, Santa Catarina. Lá se encontra uma cruz que busca imitar as mesmas características da cruz fixada na comunidade de Krasna, quando da saída dos imigrantes daquela região na década de 1920. Ou seja, através desse símbolo religioso busca-se manter vivo um cordão umbilical que liga o presente com o passado. Trata-se de um exemplo típico da necessidade em se manter viva a memória coletiva visando petrificar a identidade histórica dos descendentes romenos.

Identities poderão ser reconstituídas e vidas ressignificadas com a cristalização da memória no imaginário do indivíduo e do grupo social, podendo ser feitas amarrações ao passado pela mediação do testemunho, dos vestígios e dos lugares. Nesse sentido, “memória e identidade estão ligados; não há como ter identidades sem memória; a identidade define um modo de ser, de se comportar. Por isso ao perder a memória, é um pouco de nós mesmos que se perde, de nossa identidade pessoal, da autobiografia, de ausência de pertencer” (TEDESCO, 2011, p.29).

A manifestação da memória encontra solo propício para se tornar dinâmica no campo social. Enquanto individual e solitária, a memória é petrificada e pouco modificada. Essa realidade é diferente quando a consideramos no campo social e coletivo. Para um sujeito pertencer a um grupo social, ele precisa necessariamente respeitar e consentir com a memória coletiva. “Memória coletiva envolve de uma forma ou de outra, o contexto social, o meio, as representações sociais, os grupos étnicos e de pertencimento, as instituições enquanto comunidades afins (família, escola, igreja, empresas, associações, agremiações, etnias, identidades etc.)” (TEDESCO, 2011, p.163). A memória coletiva é uma forma de o grupo se auto afirmar, sobrepor-se na sociedade.

Conforme Tedesco,

Os grupos precisam lembrar e relembrar, ritualizar para se reproduzir identitariamente e em termos de pertencimento. Nesse sentido desempenham papel importante aspectos como a tradição e os costumes, disseminando consensos de memória, num alusão ao ditado popular de que sempre foi assim. A memória coletiva alimenta-se em muito das tradições, costumes e experiências. Os elementos centrais promotores da perdurabilidade são a ritualidade, a simbologia e a experiência partilhada; por isso a necessidade da integração para sentir-se membro (TEDESCO, 2011, p.164).

Nesse contexto, a Embaixada da Romênia no Brasil apoia atualmente um projeto de ensino da língua romena nas comunidades de descendentes romenos, projeto este, que está sendo posto em prática também no Extremo Oeste de Santa Catarina através da fundação do Consulado nesta região. A Embaixada da Romênia, localizada atualmente no município de Iporã do Oeste, busca colaborar na manutenção de uma identidade histórica dos descendentes romenos, legitimada através da memória e da linguagem, de

atos ritualísticos e de símbolos. Em sua última visita a região extremo oeste catarinense, a embaixadora da Romênia no Brasil, Diana Radú, concedeu aos imigrantes ainda vivos o título de identidade cultural romena, ato simbólico, mas que tem uma significância para a manutenção e preservação da identidade dos imigrantes e de seus descendentes, aspecto que mantém viva a chamada tradição e da memória.

Figura 04: Festa anual dos descendentes romenos, realizada em 2012, em Iporã do Oeste-SC. Ritualização da memória através de símbolos.



Fonte:

[http://romenos.com.br/index.php?option=com\\_phocagallery&view=category&id=1:festa-dos-romenos-2011&Itemid=29](http://romenos.com.br/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=1:festa-dos-romenos-2011&Itemid=29). Acesso em 21/07/2014.

A Associação dos Romenos Bessarabianos do Extremo Oeste Catarinense pretende em seu bojo, realizar atividades de culto à memória visando manter os laços que unam o tempo presente com o laço histórica da identidade romena. Esse esforço torna-se bastante difícil diante de um cenário pós-moderno, onde os costumes, as tradições, a memória e as identidades encontram-se constantemente permeados pelo ato de esquecer, numa perspectiva de presente contínuo. Essa discussão é feita num caráter mais amplo por Bauman (2005), ao discutir a fragmentação da memória e da identidade nos tempos atuais. A busca pela identidade seria uma prática de unir vários fragmentos do passado buscando um princípio ou até mesmo um fim.

Nesse sentido, o de unir os fragmentos buscando uma unidade, as incertezas e as instabilidades dos tempos atuais representam uma dificuldade na formação de uma

identidade histórica, no nosso caso, da identidade romena. No entanto, Bauman (2005) também afirma de que apesar dessa condição generalizante de rejeição à identidade como reflexo de um processo globalizatório, as iniciativas locais de grupos minoritários no sentido de resguardar a memória e a identidade histórica representam um contraponto ao movimento pós-moderno. As iniciativas locais de resguardo da memória e da cristalização da identidade representam uma reação das comunidades a uma ameaça de extinção do passado.

Stuart Hall (2002) também discute esse processo de fortalecimento das identidades locais frente a um processo homogeneizador decorrente de uma globalização cultural, destacando o fato de que grupos minoritários locais concentram esforços em manter sua identidade cultural e histórica no intuito de resguardar seus valores e seus laços históricos. No entanto, Hall (2002) também problematiza a questão da identidade, sendo ela problemática de ser compreendida em tempos atuais. Segundo autor, “é possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral?” (HALL, 2002, p. 84).

### **Considerações Finais**

O objetivo do texto era de contextualizar o processo de imigração dos alemães que povoaram a região da Bessarábia ao longo do século XIX e que nas décadas de 1920 e 1930 imigraram para a região Sul do Brasil, mais precisamente para o Extremo Oeste catarinense. Através desse apanhado histórico buscamos compreender a formação de uma identidade histórica dos imigrantes com a Romênia, estado-nação que englobava o território da Bessarábia no início do século XX.

Nossa abordagem busca compreender o esforço da Associação dos Romenos Bessarabianos do Extremo Oeste de Santa Catarina, em manter vivas as tradições e a memória dos imigrantes para com os seus descendentes na contemporaneidade. Entendemos que a memória e a identidade estão atreladas a percalços diversos, que vão desde a cristalização no cotidiano da identidade romena até a dificuldade em se manterem vivas tradições e costumes em tempos de pós-modernidade. Levantamos questionamentos quanto da possibilidade de se construir uma identidade histórica em

tempos de pós-modernidade, em que numa tendência de globalização cultural, há o esforço das identidades locais em delimitar seus laços históricos no espaço e no tempo.

A construção de uma concepção de identidade de um povo passa por diversos fatores, desde o ato de praticar a tradição, em manter viva a memória, em se lembrar das origens dos seus antepassados. Apesar das instabilidades que a região da Bessarábia atravessou no início do século XX, a identidade com a Romênia mantém-se viva entre os imigrantes ainda vivos e os seus descendentes, aspecto cristalizado e materializado principalmente pelos registros de nascimento e batismo e também da memória. A criação de um Consulado da Romênia no Extremo Oeste de Santa Catarina e da implantação de políticas de fomento a manutenção das tradições romenas, como aulas de idioma e festas típicas, fazem parte de um esforço visando o fortalecimento da memória e da identidade de um povo, onde a história atende aos interesses contemporâneos de se construir uma identidade para com o passado.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. *Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense*. Chapecó, SC: Argos, 2005.

BÉNGER, Jean. O império Austro-Húngaro e a geopolítica balcânica. Do protetorado Bósnio à I Guerra Mundial. *Novos Estudos*. CEBRAP, n. 47, março 1997, p. 19-38. Disponível em: [http://www.novosestudos.com.br/v1/files/uploads/contents/81/20080626\\_o\\_imperio.pdf](http://www.novosestudos.com.br/v1/files/uploads/contents/81/20080626_o_imperio.pdf)

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro, 7ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JUNGBLUT, Roque. *Documentário Histórico de Porto Novo*. São Miguel do Oeste: Arco Íris Gráfica e Editora, 2000.

MAZUREK, Jerzy. A grande guerra do homem branco. In: *História, Debates e Tendências*, v. 14, nº 2, jul-dez 2014, p. 270-279.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução de Juremir Machado da Silva, 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NEUMANN, Rosane. *“Quem nasce no Brasil é brasileiro ou traidor!”: as colônias germânicas e a campanha de nacionalização*. 2003. 632 p. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em História da Unisinos, São Leopoldo.

Site Oficial da Associação dos Romenos Bessarabianos do Extremo Oeste Catarinense. Disponível em <http://www.romenos.com.br> (Acesso em 22/07/2014)

TEDESCO, João Carlos. *Passado e presente em interfaces: introdução a uma análise sócio-histórica da memória*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo; Xanxerê: Editora da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Porto Alegre: Suliani Letra&Vida, 2011.

The Krasna Project <http://www.14ushop.com/krasna>. Acesso em 12 de Novembro de 2013.